

# ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PIBID (PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA) NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA MARIA BALZANELO AGUILERA NO MUNICÍPIO DE LONDRINA-PARANÁ-BRASIL.

**Autor principal:** Margarida de Cássia Campos ([mcassicampos@hotmail.com](mailto:mcassicampos@hotmail.com))

**Co-autores:** Marcos Regis Matheus ([helecopinho1@hotmail.com](mailto:helecopinho1@hotmail.com)); Tatiana Aparecida de Freitas ([tatianafreitas201@hotmail.com](mailto:tatianafreitas201@hotmail.com)); Gilberto Felipe Capeloto ([gilberto1515@hotmail.com](mailto:gilberto1515@hotmail.com)); Thais Hayumi Suzumura ([thaisuzumura@msn.com](mailto:thaisuzumura@msn.com)); Thiago César Sandi ([japatcs@hotmail.com](mailto:japatcs@hotmail.com)); Lucas Fernando Bertacco da Silva ([lucas\\_bertacco@hotmail.com](mailto:lucas_bertacco@hotmail.com)); Marina Castilho Pradal ([marina.pradal@hotmail.com](mailto:marina.pradal@hotmail.com)); Haroldo José da Silva Junior ([haroldojunior1@hotmail.com](mailto:haroldojunior1@hotmail.com)); Jéssica Bianca dos Santos ([jessica.biancasantos@yahoo.com.br](mailto:jessica.biancasantos@yahoo.com.br))

**Instituição:** Universidade Estadual de Londrina

## Introdução

O presente artigo engloba algumas reflexões relacionadas às atividades desenvolvidas junto ao PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) na escola Estadual Professora Maria José Balzanelo Aguilera no município de Londrina-Paraná-Brasil.

Nele discutiremos a importância de dominar instrumentos de leitura do espaço geográfico, tais como mapas, plantas, cartas e croquis e, além disso, fazer com que os alunos compreendam esses instrumentos cartográficos com o objetivo de obter uma efetiva alfabetização cartográfica.

Os recursos metodológicos utilizados no trabalho foram: levantamento bibliográfico sobre cartografia escolar, leitura e fichamento das obras consideradas essenciais para o desenvolvimento do trabalho, reflexões sobre as atividades aplicadas na escola, discussões com a professora orientadora acerca dos fichamentos e realização da redação final.

Nas atividades lúdicas aplicadas na escola os educandos tiveram conhecimento e contato com os instrumentos cartográficos tais como bússola e GPS, a partir do uso destes instrumentos, desenvolvemos várias atividades lúdicas, tais como: caça ao tesouro, cabra cega, permitindo que os alunos, uma vez instrumentalizados, praticassem a cartografia com a finalidade de pensar sobre o espaço geográfico e como se orientar nele. Desenvolvemos ainda os conceitos relacionados as coordenadas geográficas levando os nossos alunos ao entendimento da relação entre a latitude e as condições climáticas, longitude e os fusos horários,

trabalhamos com a noção de espacialidade através de cálculos referentes à escala. Em todas as atividades foi possível unir a parte teórica com a prática e assim tivemos vários resultados positivos em relação a aprendizagem que serão discutidas no presente ensaio.

### **Alfabetização Cartográfica como possibilidade de leitura crítica das complexidades inerentes ao espaço geográfico**

O ensino cartográfico é de extrema importância para a compreensão do espaço geográfico, e é deixado de lado muitas vezes pela dificuldade de aliar o conteúdo teórico com o cotidiano dos alunos. Para compreender a grande dificuldade encontrada na educação cartográfica é necessário conhecer os fundamentos teóricos que embasa essa discussão no currículo escolar.

Antes da década de 1970 a geografia escolar era ensinada utilizando-se das concepções teóricas e metodológicas da geografia tradicional esta dava muita importância ao ensino da cartografia, porém apenas para localizar os fenômenos sem realizar uma leitura crítica dos mesmos. Ao final de 1970 surge no Brasil uma nova corrente filosófica a Geografia Crítica, nela todas as referências teórico-metodológicas até então utilizados foram negados, assim o uso da linguagem cartográfica foi abandonada porque houve um equívoco de interpretação ao achar que esta não tinha serventia já que não levava o aluno a refletir sobre o espaço geográfico (SOUZA e KATUTA, 2001 ).

Ao final da década de 1980, as pesquisas e os estudos desenvolvidos por muitos profissionais trouxeram de volta as discussões sobre a importância do uso da linguagem cartográfica no ensino de Geografia mostrando que a mesma era um importante instrumento de reflexões para o entendimento da realidade do aluno (TSUKAMOTO, 2004).

Atualmente existem muitos problemas a serem enfrentados nas instituições de ensino, percebemos que há por parte da maioria dos professores compromisso com a aprendizagem dos alunos, porém por mais que se tente inovar, inventar metodologias que levem a compreensão do espaço geográfico, os professores tem que lidar com o desinteresse dos alunos que por muitas vezes é irreversível. Além disso, existe muita dificuldade por parte dos professores em conseguir unir o conteúdo teórico com o cotidiano dos discentes, este fato estabelece um distanciamento entre os conceitos aplicados em sala de aula e o entendimento da realidade.

Porém, buscar metodologias inovadoras não é achar que vamos encontrar a solução da escola nem dos alunos; mas agregar novos conhecimentos ao nosso saber/fazer docente e

assim, tornar o conteúdo mais interessante ao alunado já que eles sempre se mostram desinteressados.

É muito importante fazer com que a criança aprenda a utilizar o mapa sem grandes dificuldades, como apontado por Heidrich (1991), é necessário fazer com que ela se interesse por esse conteúdo, devemos apresentar os mapas de forma leve, sem muitas regras, já que segundo o mesmo autor o aluno só aprende aquilo que chama sua atenção, assim é possível perceber a importância de trabalhar o lúdico, dessa forma podemos inovar no ensino de geografia abandonar alguns elementos do método tradicional de ensinar cartografia e inserir jogos, brincadeiras, uso da informática para que o aluno possa aprender cartografia e ser capaz de realizar as leituras das espacialidades que compõe o complexo espaço geográfico do qual ela esta inserida.

Castrogiovani (2010), fala da importância do aluno ser preparado para que possa ler o mapa, ele lembra como a cartografia era usada em sua origem, na vida de cada pessoa e que a mesma é uma técnica de dominação, dessa forma o autor destaca que a geografia tem o papel de fazer com que o aluno aprenda a realizar uma leitura crítica das representações cartográficas. As autoras Almeida (2001) e Castellar (2011) também falam da necessidade de ensinar o aluno a ser um leitor de mapas:

O individuo que não consegue usar um mapa está impedido de pensar sobre aspectos do território que não estejam registrados em sua memória. Está limitado apenas aos registros de imagens do espaço vivido, o que impossibilita de realizar a operação elementar de situar localidades. (ALMEIDA, 2001, p.17).

Um ponto muito importante do ensino da educação cartográfica é trabalhar desde o início da formação escolar com os conteúdos referente a alfabetização dos elementos que compõe um mapa e continuar com esse trabalho até o fim do ensino médio, assim eles aos poucos vão aprendendo como realizar a leitura dos signos presentes nos mapas, dessa forma o professor tem papel importantíssimo pois é dele a responsabilidade de desenvolver atividades que mostrem aos alunos noções cartográficas a partir da representação do seu cotidiano, o mapa mental é um possibilidade como aponta Castellar (2011).

Para compreender um mapa como reprodução do real, é preciso entender sua realidade e sua linguagem. O mapa mental é o início desse percurso metodológico, permitindo o estudo do lugar de vivência e auxiliando na leitura de um mapa. Ele inclui categorias abstratas de elementos que possuem uma relação hierárquica de inclusão de classes. Essas categorias estão

relacionadas com o conhecimento do lugar, ou, seja, o reconhecimento do lugar dos objetos, dos fenômenos representados. Castellar (2011, p130)

Neste sentido a alfabetização cartográfica é de extrema necessidade, pois é através dela que o aluno passa a entender o espaço geográfico relacionando com seu cotidiano. Para isto, sua compreensão deve ser fortalecida em todo o decorrer da vida escolar e não colocada no currículo como um conteúdo para ser ensinado em uma única série, pois a cartografia vai muito além de um simples conteúdo, sendo a oportunidade do aluno conhecer, entender e utilizá-la no seu cotidiano.

### **Conhecendo um pouco mais sobre o projeto PIBID**

O projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), abrange 195 Instituições de Educação Superior, distribuídas por todo o país, com 40.092 bolsas concedidas aos alunos de licenciatura. (CAPES, 2012)

Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2012) seu objetivo consiste no aperfeiçoamento dos alunos de graduação dos cursos de licenciatura, incentivando-os com sua formação acadêmica a lecionar na educação básica. Logo, levando a educação pública brasileira, professores mais qualificados.

Os alunos de graduação inseridos no projeto PIBID, futuros professores da rede pública, tem seu contato antecipado com a sala de aula, seu futuro campo de trabalho. O PIBID acrescenta muito a formação dos futuros professores, pois, permite aos mesmos, enxergar a realidade da escola, vivenciar a relação aluno-professor/professor-aluno; colocar a teoria em prática dentro da sala de aula; identificar as maiores dificuldades e os desafios e como após sua formação isso poderá ser melhorado.

Na Universidade Estadual de Londrina (UEL) o PIBID teve início no ano de 2009 e atualmente envolve todos os 15 cursos de licenciatura da Universidade. O PIBID é organizado em subprojetos, cada um deles composto por 28 pessoas (um coordenador docente da UEL, 3 supervisores professores da rede pública e 24 bolsistas de iniciação à docência). Cada curso de licenciatura da UEL possui dois subprojetos, com a totalidade de 30 subprojetos, que abrangem 720 graduandos de iniciação à docência, 90 professores da escola básica, 30 sub-coordenadores, e um coordenador institucional, além de inúmeros colaboradores (UEL, 2013).

O curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina iniciou as atividades neste projeto em agosto de 2012 e possui dois sub-projetos PIBID, um que discute a temática Agenda 21 e o outro Alfabetização Cartográfica, é neste último que estamos inseridos, os dois subprojetos tem como finalidade contribuir com a formação dos alunos de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, pois permite o contato direto com a escola e desenvolvimento de atividades diferenciadas. Procura aplicar um trabalho distinto do modelo aula existente com uma proposta de trabalho dinâmica e ao mesmo tempo completa em que os alunos possam compreender a leitura de espaço geográfico com um olhar diferente, de modo que possam interagir com seu cotidiano e entendê-lo em toda a sua complexidade.

O principal objetivo do PIBID/Alfabetização Cartográfica é levar aos alunos a alfabetização cartográfica de forma mais didática, lúdica e criativa, baseada no cotidiano dos alunos, além de auxiliar o professor a encontrar soluções às dificuldades do ensino cartográfico. Esse subprojeto atua em três colégios da cidade de Londrina, dois na zona sul e um na zona oeste. No presente ensaio discutimos as atividades desenvolvidas junto ao Colégio Prof<sup>a</sup> Maria José Balzanelo Aguilera e trabalha com quatro turmas do 8º ano vespertino, com aproximadamente 30 alunos por sala.

### **Notas sobre o Colégio Estadual Professora Maria José Balzanelo Aguilera**

O colégio Maria José Balzanelo Aguilera, atende a comunidade de classe média e de baixa renda, abrange os conjuntos Cafezal I, Cafezal II, Cafezal III e Cafezal IV, Jardim Acapulco, Conjunto das Flores, Alto do Cafezal, Chácara São Miguel e adjacências. Nesta comunidade, verifica-se a existência de dois centros comunitários usados eventualmente pela comunidade até mesmo para a realização de velórios. Trata-se de uma região bem provida de um comércio local que atende praticamente todas as necessidades dos moradores, sem que estes tenham de se deslocar ao centro da cidade que fica a aproximadamente 8 km. (AGUILERA, 2010). No bairro existem dois campos de futebol utilizados pela comunidade, possui ainda uma academia pública ao ar livre. No conjunto Cafezal II, há também, um posto de saúde que atende toda a comunidade.

O Colégio Estadual Professora Maria José Balzanelo Aguilera, está localizado na Rua Tarcisa Kikuti, nº 55, possui as modalidades de ensino fundamental, médio e profissionalizante nas áreas: técnico em RH – Recursos Humanos, técnico administrativo e técnico em

contabilidade, atendendo em média 1.700 alunos. É composto por 19 turmas no período matutino, 19 turmas no período vespertino e 16 turmas no período noturno, sendo destas, 05 turmas do CELEM – curso de espanhol. Há também um projeto de ensino de judô em parceria com Fundação de Esportes do Município de Londrina em que 100 alunos são atendidos gratuitamente. A equipe técnica pedagógica deste estabelecimento é composta da seguinte maneira: o período matutino há 04 pedagogas, o período vespertino 04 pedagogas e o período noturno há uma pedagoga. Possui aproximadamente 100 professores, 11 funcionários administrativos e 15 funcionários serviços gerais (AGUILERA, 2010)

Nas observações *in loco* percebemos que em relação ao espaço físico o colégio conta com um laboratório de informática com aproximadamente 30 computadores com acesso a internet, laboratório de ciências, física, química e biologia, biblioteca composta por um amplo acervo que vem complementar os estudos dos alunos bem como dos professores. Todas as salas de aula são equipadas com tv pen drive, além de 03 projetores multimídias disponível aos professores. O estabelecimento ainda possui 03 quadras poliesportivas, sendo uma delas coberta, dois pátios externos, dois estacionamentos, ambos com portão de acionamento eletrônico, e é monitorado por 32 câmaras de segurança.

É um colégio que tem realizado muitos projetos nas áreas ambientais e também nas áreas referentes as temáticas de diversidade étnico racial. Neste sentido, ressaltamos a importância destes projetos, bem como o interesse de dar manutenção. O grupo de professores da disciplina de educação física desenvolve projetos de integração dos alunos, sobretudo, daqueles que apresentam maior vulnerabilidade social, a exemplo disso, há no colégio um projeto de circo e outro de dança, que tem contribuído para melhorar o processo de integração entre a escola e a comunidade.

Os dados apresentados do colégio Aguilera demonstram que o mesmo possui ótimas condições de trabalho em relação a sua infraestrutura e equipamentos pedagógicos, assim o projeto PIBID-Alfabetização Cartográfica possui espaço propício para desenvolver as atividades propostas.

**Atividades desenvolvidas no subprojeto PIBID/Alfabetização Cartográfica no Colégio Estadual Profª Maria Balzanelo Aguilera**

O projeto PIBID/Alfabetização Cartográfica, visa trabalhar a cartografia e seus parâmetros, de forma diferenciada, com os alunos do 8º ano do Colégio Estadual Profª Maria Balzanelo Aguilera. Desta forma, temos como princípio levar para a sala de aula, atividades que possam ser executadas de maneira diferenciada do que estão acostumados em sua rotina estudantil, trazendo assim, a execução de atividades lúdicas, que possibilitam unir teoria e prática, em busca de bons resultados.

Primeiramente, iniciamos as atividades com os alunos, sempre com apresentação teórica e discussão do tema em questão, assim, preparando os mesmos para que na prática não tenham dificuldades. Dentre essas atividades lúdicas, iremos destacar algumas atividades já trabalhadas, o caça ao tesouro, a cabra-cega, uso da bússola, jogo on-line e outras.

Tendo em pauta o tema “localização”, iniciamos de forma simplória, lembrando os alunos as direções direita e esquerda, frente e atrás, percebendo que se torna necessário essa parte da atividade, pois muitos se confundem quando se fala direita e esquerda. Já em outra aula, trabalhamos as coordenadas geográficas, inicialmente em pequena escala, como o bairro em que mora em relação à cidade, qual região que fica, posteriormente a cidade, e na sequência, até chegarmos na escala de análise mundo, nessa parte, os alunos apresentaram poucas dificuldades e se saíram muito bem. Na terceira aula, apresentamos a bússola para a classe, para que eles se familiarizassem com o instrumento, passamos de carteira em carteira mostrando o mesmo, e explicando a diferença do norte geográfico e do norte magnético, fase também da atividade entendida com clareza por parte dos alunos.

Após todas essas aulas, chegamos na atividade lúdica, que nos mostraria, de forma clara, o aprendizado dos alunos em relação ao ensino realizado, propondo então o caça tesouro.

De início, pensamos em um prêmio, que motivassem os alunos a participar da tarefa proposta, e que fossem contentes com o “tesouro” visando também o desenvolvimento do trabalho em grupo, e chegamos num consenso do prêmio, que foi um saquinho com doces, balas, pirulito, chocolate, que são coisas que eles gostam, porém era algo simbólico, e eles perceberam a ideia do prêmio, e demonstraram interesse pela atividade.

Para realizar o caça ao tesouro, dividimos a turma, que é de aproximadamente 28 alunos, em 4 grupos, classificando cada equipe por uma cor, e nomeamos um líder, para manusear a bússola, com o auxílio de todos ou outros é claro. A atividade foi realizada na quadra esportiva do colégio; cada equipe iniciaria a caça de um ponto diferente, porém, todos com trajetos totais semelhantes (60 passos e 6 pistas). A primeira pista foi dada para iniciar, no ponto de partida, e as outras estariam escondidas pela quadra, e desta forma se iniciou a atividade, cada equipe buscando a pista da cor informada, e se localizando através da bússola.

As pistas forneciam informações como: “siga 20 passos para o norte” e desta forma achariam a próxima pista, e assim na sequência. O objetivo foi alcançado por todos os grupos, isso trouxe a nós estagiários que desenvolvemos a atividade uma sensação de dever cumprido, pois executaram perfeitamente a atividade que fora proposta.

Assim que terminou a atividade do “Caça ao Tesouro”, demos início a atividade da “Cabra-Cega” os alunos foram instruídos a formar um círculo no centro da quadra de esportes e a escolherem entre si quem daria início a atividade, após escolherem uma representante, receberam então as regras do jogo que se consistiu em vendar o participante e somente com o auxílio da voz, ou seja, sem que tivesse contato entre ambos, deveriam informar para o participante vendado à localização que ele deveria se deslocar, assim foi feito sucessivamente com todos os alunos, ao passo que o aluno vendado se deslocava os demais indicavam para o mesmo ir em direção ao lado direito e esquerdo, foi um tanto quanto complicado, pois as pessoas já se confundem sem a venda imagine só vendados, mas o objetivo foi alcançado e os alunos compreenderam a finalidade das atividades lúdicas.

Como dito anteriormente, a parte teórica se fez necessário sempre, e mesmo em sala de aula foi possível elaborar atividades diferenciadas para trabalharmos a cartografia, como por exemplo, a realização de “problemas” para calcular distâncias reais, para posteriormente podermos representá-las no papel.

Outra atividade realizada com os alunos foi desenvolvida para levá-los a compreender a utilização de escalas, tanto gráfica quanto numérica, começando a introduzir seus conceitos, fazendo com que novamente conseguíssemos desenvolver uma atividade lúdica.

Primeiro foi trabalhado com os alunos as noções básicas de escala, e para que eles percebessem visualmente essas noções foi disponibilizado algumas bonecas russas (onde há 3 bonecas, uma maior que a outra, conforme vai aumentando o tamanho da boneca, aumenta-se os detalhes, assim como nos mapas). Depois de introduzidos esses conceitos e feitas algumas outras representações, começou-se a incluir cálculos de escalas, ou seja, transformações de escala gráfica em numérica e vice-versa, foi então que alguns problemas apareceram, pois notamos uma dificuldade em trabalhar certo conteúdo quando se é introduzido cálculos matemáticos, pois os alunos em geral têm dificuldades nesta área, sendo prudente então ensinar primeiro o cálculo e depois dar continuidade as transformações.

Passado esse processo, cansativo, mas satisfatório, os alunos compreenderam bem todos os conceitos e os cálculos, então começaram a transformar as escalas, processo esse, mais rápido, no qual foi bem trabalhado. A partir de então foi proposta uma atividade onde os alunos deveriam confeccionar uma planta da sala de aula utilizando todos os conceitos que fora



aprendido. A atividade da planta consistia em medir a sala de aula e sobre uma visão vertical representá-la em uma folha de A4 contendo escala gráfica e numérica e todos os objetos que pudessem ser representados, a atividade nos deu um retorno muito bom e 70% dos alunos concluíram a mesma.

O trabalho foi feito em equipe, dando aos alunos fita métrica, papel sulfite, e por final, a elaboração da planta da sala, como foi dito, alcançando um aperfeiçoamento de leitura e entendimento do espaço, assunto que se faz necessário na Geografia e também na Cartografia escolar, e trabalhando também com representação, no qual é representada de fato, como o aluno fez a leitura deste espaço, sendo possível assim, analisarmos como está a leitura individualizada de aluno por aluno, lembrando que ao final, a planta foi feita individualmente por cada aluno, apenas a parte de medir a sala e os objetos que foram feitos coletivamente.

Mais uma vez, trazendo outra atividade diferenciada, propomos aos alunos uma aula no laboratório de informática, no qual realizaríamos um jogo on-line, trabalhando mais uma vez com escala. O jogo pediria que marcasse dois pontos em locais distintos, resultando em uma distância (por exemplo: marque um ponto na cidade X, e outro ponto na cidade Y, resultando em uma distancia que o próprio jogo os daria depois de marcar os pontos), desta forma, seria proposto uma escala, e por fim, qual seria a distância real nesta escala (atividade já realizada em sala) retomando apenas de uma forma diferenciada para que os alunos praticassem.

### **Considerações finais**

O PIBID é um projeto sem duvida “agregador de valor” no processo de formação de professores, pois auxilia os futuros educadores a vivenciar em sala de aula os desafios de lecionar, além de, proporcionar aos alunos das escolas parceiras uma experiência inovadora em sala de aula, com a presença dos estagiários e o uso de novas metodologias e recursos didáticos, fazendo com que os alunos tenham mais interesse e se divirtam e aprendam com as aulas e dinâmicas aplicadas, além de melhorar o desempenho dos alunos no que diz respeito ao processo ensino/aprendizagem, fato esse comprovado através das avaliações aplicadas após as atividades, onde muitos conteúdos e conceitos, antes desconhecidos pelos alunos foram aprendidos e se tornaram usual no cotidiano dos mesmos.

Outro aspecto possível de se observar que a presença do PIBID na escola mudou positivamente o ambiente da mesma, um exemplo é que alunos de salas em que o PIBID não atua passaram a ter interesse pelas atividades e houve diversas solicitações por parte de outros professores para que os integrantes do projeto auxiliassem nas diversas áreas em que atuam.

A partir da preparação das oficinas estimula-se também a pesquisa por parte dos bolsistas do projeto, além destes serem estimulados a escreverem artigos científicos sobre sua prática em sala de aula o que os leva a refletir acerca do saber/fazer docente.

Como o tema do projeto é alfabetização cartográfica, é de suma importância que os integrantes do projeto tenham entendido claramente a partir das leituras do tema os conceitos, a funcionalidade de algumas peças como: bússola, GPS, etc. para que ao chegar em sala de aula possa transmitir aos alunos informações corretas, além de pensar como devem criar oficinas que relacionem o tema alfabetização cartográfica com o cotidiano do aluno de forma que o mesmo perceba as diversas faces da cartografia que estão presentes no seu dia a dia.

## Referências

AGUILERA, Colégio Estadual Professora Maria Balzanelo. Projeto Político Pedagógico.

Disponível em

<http://www.ldamariajaguilera.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/18/1380/3671/arquivos/File/PP-P-2009-2010.pdf>. Acesso em 22 de janeiro de 2013.

ALMEIDA, Rosângela Doin, **Do Desenho ao Mapa**: iniciação cartográfica na escola; 4ed., São Paulo: Contexto, 2001.

BRASIL, Governo do. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. 2013. Disponível em:<<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>. Acesso em: 22 Jan. 2013

CASTELLAR, Sonia Vanzella ALMEIDA, A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: Rosângela Doin. **Novos rumos da cartografia escolar**:currículo, linguagem e tecnologia;São Paulo: Contexto, 2011, p.121-135.

CASTROGIOVANI, Antonio Carlos(org.).**Geografia em sala de aula**: Praticas e Reflexões. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010

HEIDRICH, Álvaro Luiz, Cartografia no ensino de 1º grau. In: CALLAI, Helena Copelli (org.) et al. **O ensino em estudos sociais**. Ijuí: Unijuí, 2002, p.103- 120.

SOUZA, José Gilberto de. KATUTA, Ângela Massumi. **Geografia e conhecimentos cartográficos**: a cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso do mapa. Presidente Prudente/SP: UNESP, 2001

TSUKAMOTO, R. Y, OLIVEIRA, C. C.; A utilização do mapa nas aulas de geografia em Cambé-Pr. In: ASARI, A. Y.; ANTONELLO, I. T.; TSUKAMOTO, R. Y.; **Múltiplas geografias**: ensino-pesquisa- reflexão; Londrina: AGB, 2004, p. 25-38.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Pibid/UEL**. Disponível em:

<[http://www.uel.br/prograd/?content=pibid/pibid\\_uel.html](http://www.uel.br/prograd/?content=pibid/pibid_uel.html)>. Acesso em: 22 Jan. 2013